

MÍDIA

Algumas reflexões sobre mídia e etnicidade

Por Sônia Santos

Apresentadora do Programa Africanidades da TV Litoral, coordenadora auxiliar do curso de pós-graduação Estudos Culturais e Históricos da Diáspora e Civilização Africana, realizado na Funemac, doutora em Literaturas Africanas (UFRJ) e professora de Literatura Africana de Língua Portuguesa, na Fafima.

Vivemos em uma sociedade globalizada cujos ícones privilegiam o mundo daqueles possuidores de tudo, tendo acesso a tudo aquilo que se produz de melhor, criando ao seu redor zonas carentes de serviços e ávidas de consumo. Zonas em eterna ebulição impulsionando uma fábrica de stress alimentada pela ânsia de pertencer a um mundo “proibido e” inacessível” a todos que sonham com ele.

Sobreviver a esse esquema sem enlouquecer é fruto de uma estratégia criativa de escape à opressão exercida pela paisagem midiática arquitetada pelo poder econômico das elites.

O avanço das tecnologias e dos meios de comunicação propiciaram às atuais transformações das informações em produtos que interferem nas representações e práticas sociais. O mundo material e simbólico compartilha idéias, crenças, comportamentos de um determinado grupo social, assim é a dinâmica da vida em sociedade.

Os discursos advindos das classes dominantes interferem nos sentidos produzidos pela massa, alterando a realidade vivida através do olhar hegemônico que subalterna os papéis sociais representando-os a partir de seu ponto - de - vista. Ora, a fala desse discurso pontua todas as cenas delineadoras da realidade social enquadrando-as segundo o contorno dominante, dando aos estereótipos a forma idealizada de pessoas, lugares e coisas

que passam a serem vistos e representados como essências e não como construções de subjetividades em curso. Mais ainda, não dão permissão à visibilidade de uma realidade vista pelo prisma de quem a vive. Esse outro olhar estigmatizado pela intenção de subalternizar o outro, decifrá-lo segundo modelos exteriores à sua vivência encontra ressonância no pensamento de SAID (1990) no qual afirma que os estrangeiros vêem o Oriente de forma imaginativa como um “locus” de romance, seres exóticos e paisagens obsessivas cujos estudos acadêmicos produzem um estilo de dominação, reestruturação das autoridades ocidentais em relação ao Oriente. Ou seja, o que vemos e chamamos de Oriente é a visão ocidental sobre o mesmo.

Trazendo as reflexões de SAID para a realidade brasileira, podemos ver como a mídia representa a sociedade periférica, apresenta das suas emoções e suas histórias não deixando a fala dos grupos minoritários ter vez e lugar. Ela está sempre representada pelo olhar de quem manipula a informação, forjando uma representação calcada em mitos concebidos por um sistema de idéias amalgamadas por laços íntimos com os sistemas econômicos e políticos.

No Brasil, nos últimos trinta anos, a mídia tem sido fonte de dissimulação da forma de “ser” brasileiro ao difundir valores de cunho europeu em desrespeito às culturas indígenas e afros-descendentes experimentadas dentro de suas comunidades onde inovam e reorganizam a vida cotidiana, revelando uma riqueza oculta aos olhares estrangeiros que não conseguem ver as significações particulares e habituais de suas linguagens. Para HELLER (1997), há na vida cotidiana, tensões e turbulências cruzando com acontecimentos e possibilitando o espaço do incontrolável, do ingovernável onde habita a zona de escape às estéticas invasoras que tentam subjugar as dinâmicas dos movimentos dos grupos ditos minoritários.

As políticas inclusivas colaboram com a produção cultural das comunidades periféricas fazendo surgir novos processos midiáticos em contraposição aos grupos centrais. Uma mídia alternativa com possibilidade de influenciar a estética do mercado desenvolve novas expressões aliadas ao desenvolvimento do terceiro setor que tem sido um agente combativo ao racismo e as desigualdades sociais.

As novelas da Rede Globo com seus personagens indígenas idiotizados, negros bêbados e incapazes, mulheres negras empregadas ou prostitutas trazem indignação a todo

um povo que nas células do tecido social transforma significados da herança dominante em signos libertários, É na criação que surge um entre - lugar onde a cultura toca acordes vibrantes traduzindo suas identidades culturais.

A iniciativa de grupos minoritários negros e indígenas em dirigir suas falas a partir de experiências vivenciadas no interior de suas comunidades, mostra a importância do discurso e da imagem na dinâmica dos atos construtores do social. Atualmente, ver a organização de vídeos em aldeias e favelas com a utilização de uma linguagem própria, acessível a esses grupos não é tarefa difícil, pois através de ONGs e associações de bairros, tais processos de produção cultural e lingüística têm tornado parte integrante de propostas pedagógicas e curriculares em algumas partes do país.

Nas periferias das grandes cidades, o uso das novas tecnologias da informação como as lan-houses criam oportunidade de uso de novas estratégias de uso da linguagem e da comunicação, facilitando as trocas de informações advindas de diferentes territórios do Brasil e do mundo propiciando intensas trocas culturais.

A utilização de vídeos, por exemplo, é uma porta aberta ao conhecimento de outros e de si mesmo. Ao registrar a história do cidadão comum, um elo de continuidade se estabelece, fortalecendo as estruturas sociais controladas pelos indivíduos que produzem a sua estética e sentidos.

Dentro de comunidades carentes, a mídia alternativa celebra modos de vida muitas vezes modelos de vidas diversas da sua. Isto porque mesmo sendo representações de comunidades periféricas estas quase sempre são oriundas dos grandes centros urbanos do país cujos modelos percorrem todo o Brasil. Assim sendo, um jovem do interior do Amazonas ou da Bahia comungam expressões das realidades de Belfort Roxo e São Gonçalo, por exemplo. E mesmo essas representações modelo se assim podemos dizer, são vítimas de uma cultura de massa comercializada e forjada por um imaginário permeado por clichês estigmatizantes, resquícios de discursos subalternos e etnocêntricos destituidores de quaisquer projetos que privilegiem a alteridade das populações minoritárias.

A supremacia racial eurocêntrica impõe seus modos de ser como desculpa democrática para a universalização dos saberes. Esse olhar de fora, desfocado da realidade das periferias produzem uma visibilidade falsa por estar oca de sentidos. Isto é, uma

invisibilidade somente detectada por aqueles cujas representações sofrem um apagamento de suas ideias e concepções de vida. O olhar da classe dominante procura o seu contraste carnavalizando aquilo que considera ser de seu pertencimento, não deixando opção para aqueles que são representados.

Sabendo que os modos de ver são produzidos socialmente pelo imaginário coletivo, todo produto, portanto, não deve ser visto em si mesmo, mas nas condições de produção de seu enunciado. Quem diz e o lugar de onde fala são primordiais para se compreender as intencionalidades do discurso. Muitas representações de violência são retratos de uma violência maior e contínua que as classes dominantes não querem admitir. As denúncias veiculadas nas produções dos rappers são consideradas desprovidas de uma estética positiva. Volto a BABHA para refletir sobre o espaço da anunciação que emerge nas fronteiras culturais onde a articulação da vida cotidiana conflita interesses de classe, gênero e raça. A autoridade de quem enuncia marca as influências na performance da identidade cultural. Segundo ele, nenhuma cultura é unitária em si mesma, pois nela estão atravessados sistemas simbólicos de diferentes culturas, fazendo com que o sentido nunca seja mimético e transparente, portanto, entre aquele que enuncia e aquele que é enunciado existe uma relação espacial e temporal não personalizável que quebra a hegemonia do sujeito, residindo aí à intervenção do esquema dual entre um e outro, fato que desafia as afirmações construídas num discurso que reivindica originalidade ou pureza. Esse seria um espaço irrepresentável constituinte de uma zona libertária de tradução das identidades culturais que destroem o continuísmo prevendo as possibilidades de mudança e criação. Assim, de posse das novas tecnologias midiáticas as camadas mais excluídas da sociedade têm a possibilidade de mostrar o seu olhar sobre a realidade apurando o seu poder de criação.

Para o pensamento liberal, norteador das sociedades modernas o poder se constitui a partir de esferas de atuação dos setores organizadores do social e político como o primeiro setor representado pelo Estado, o segundo pelo mercado e o terceiro setor pelas ONGs.

Desde os anos setenta a articulação entre esses setores tem mudado paradigmas em todo o mundo, pois os sistemas são instáveis e o são pela ação do indivíduo. Apropriado pela mídia do espetáculo, o sujeito é subalternizado e encontra nas mídias alternativas o espaço ideal para a manifestação de suas vontades. Mesmo assim, podemos dizer que nem

sempre essa vontade esteja representada de forma satisfatória dada à permeabilidade dos discursos centralizadores cuja eficácia faz penetrar suas linhas ideológicas nos processos comunicacionais alternativos, assim sendo, as populações desfavorecidas tornam -se visíveis através do seu não reconhecimento. Pode parecer estranho esse meu discurso,mas por mais paradoxal que seja apresenta uma realidade vivenciada pela exclusão midiática das populações desfavorecidas socialmente.

Muitos programas de televisão mostram a vida nas favelas de forma sangrenta e agressiva como se nesse espaço não houvesse lugar para o amor, a família, a igreja, a escola. As ruas mostram a sujeira e a indiferença dos governos. Nos cinemas os filmes glamourizam as guerras do tráfico de drogas e os bailes funk.A juventude negra parece não ter para onde correr, pois por todo o lado é massacrada, impedida de sonhar , de entrar na universidade de acessar melhores condições de vida.

De acordo com sua visão homogenizante, a imprensa, ou melhor, a mídia elabora uma ordenação de enunciados atravessados por idéias estereotipadas sobre a população negra e indígena do país, deixando para esses elementos da sociedade brasileira o papel de louco, bêbado, bandido e negligente.A partir da ótica de que enuncia o fato muda a sua configuração, ao mostrar a realidade das comunidades periféricas brasileiras. O olhar ampliado pelo enquadramento das câmaras dá dramaticidade às cenas mostrando a visão colonialista perdurando através dos séculos no imaginário do brasileiro.

A estética dos recursos audiovisuais tem trazido para dentro dos lares brasileiros a glamourização da miséria e a idéia de que na periferia todos vivem da mesma maneira como no cinema, universalizando posturas estigmatizadas pelo poder branco manipulador . Em toda a paisagem midiática a visão do branco sobre o espaço ocupado por negros resulta em distorções de toda a ordem seja na publicidade, na telenovela, no cinema o olhar dominante legitima seu poder mantendo seu poder de influência sobre as subjetividades don indivíduos oprimidos mantendo uma dita identidade nacional calcada em preconceitos e desrespeito à cidadania.

Porém entre esse olhar dominante , frio e calculista e um outro olhar de vítima de tão feroz algoz, há espaço para reação aos vetores alienantes e opressores.: a mídia alternativa revigoradora da criatividade, dando força à auto-estima dos grupos periféricos. Esse olhar reafirma a identidade do grupo assumindo um posicionamento positivo frente às

caracterizações pejorativas, dando resposta ao racismo e ao descaso aos grupos minoritários. Com a música e a dança, os rappers estrangeiros veiculados, por es sa mídia, ganham cada vez mais espaço nas vendas alternativas dos grandes centros. A pirataria atravessa mundos aparentemente diversos que superam a barreira da língua em busca de atitudes afirmativas.

É comum no centro da cidade do Rio de Janeiro ver gran de número de pessoas de diferentes idades vendo clips de rappers americanos ostentando uma riqueza e afirmação racial que prendem a atenção dos transeuntes. Na Internet, os mais variados grupos de ações afirmativas vêm produzindo programas de rádio e tv e alguns empresários já estão descobrindo esse novo filão midiático aderindo ao tema e produzindo pro gramas sobre temáticas raciais, como exemplo o espaço África e Africanidades.

Embora haja uma distorcida distribuição de renda no país e a fluxização de informações permita uma manipulação e rearticulação das realidades através da rede global, a dinâmica do universo dos dominados tentará sempre encontrar brechas no sistema, criando nas zonas intermediárias dos conflitos motivação suficiente para continuar a luta pela sobrevivência.